



OPAN

RELATÓRIO 78/79

INTRODUÇÃO

Apresentamos aqui o Relatório das atividades da OPERAÇÃO ANCHIETA durante o período de janeiro de 78 a julho de 79. Saído após nossa Assembléia Geral deste ano, este relatório, além dos relatos dos Projetos, traz o planejamento para mais um ano de trabalho e as perspectivas de abertura de novos projetos.

A dinâmica própria da Pastoral Indígena, a partir das linhas de ação do CIMI - Conselho Indigenista Missionário, está exigindo da OPAN uma ação cada vez mais eficaz e numerosa. Estamos, por isso, assumindo projetos em locais cada vez mais distantes e dispersos um do outro.

A partir da atuação do CIMI, as prelações da Amazônia começaram a despertar para a dramática situação dos povos indígenas e para a exigência de uma pastoral específica para esses povos. Com estas prelações, estamos procurando colaborar nesta difícil tarefa.

Nossos projetos, além desta ligação efetiva com as prelaçias, estão inseridos no planejamento global dos Regionais do CIMI respectivos. Fazemos questão de participar ativamente dos Regionais, pois é através deles que a Igreja demonstra seu compromisso com a causa dos povos indígenas na forma de trabalhos de base.

Assim, nada melhor que aproveitar para apresentar aqui os projetos conforme eles aparecem dentro de cada um desses Regionais (ver Projetos).

Dentro desta dinâmica, vale salientar a decisão da Assembléia Geral de transferir, o mais rápido possível, a sede da Coordenação da OPAN para um lugar mais acessível aos projetos (ver Coordenação Nacional).

Por outro lado, não podíamos esquecer que os lavradores, seringueiros, posseiros também necessitam de uma atuação mais próxima por parte da Igreja. Assim, nos comprometemos a favorecer a criação de uma organização de missionários leigos que se pre ocupe particularmente com a situação dessas populações marginalizadas (ver Projetos de Pastoral da Terra).

Esperamos que a leitura do Relatório que segue permita aos nossos amigos e colaboradores ter uma pequena idéia do que foi a caminhada da OPAN neste período.

Porto Alegre, agosto de 1979.

ÍNDICE

Preparação de Voluntários	5
1. Candidatos	5
2. Estágio	6
3. Formação Permanente	7
Projetos	8
I - Regional Amazônia Ocidental	8
1. Projeto ALTO-PURUS	8
2. Projeto ALTO-ENVIRA (Igarapé do Anjo)	10
3. Projeto SERUINI	12
4. Projeto LÁBREA	16
II - Regional Norte I	19
1. Projeto MANAUS	19
2. Projeto ITACOATIARA	20
3. Projeto ALTO JUTAI	20
III - Regional Mato Grosso do Norte	24
1. Projeto MÏKI-SALUMÃ	24
2. Projeto KARAJÃ	27
3. Projeto CINTA LARGA	28
4. Projeto PARESI	29
IV - Regional Mato Grosso do Sul	33
1. Projeto DOURADOS	33

2. Projeto MIRANDA	35
V - Regional Sul	37
1. Projeto PINHALZINHO	37
VI - Regional Leste	40
1. Projeto CIMI LESTE	40
VII - Projeto Pastoral da Terra	42
VIII - Projeto Coordenação da OPAN	44
IX - Projeto Secretaria do CIMI	47
X - Projeto Guajara-Mirim	49
XI - Projeto Casa de Trânsito	51
Assembléias Anuais	54
OPAN-OED/TVC	56
Entidades de Ajuda	58
Conclusão	59

PREPARAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS

1. Candidatos

Tarefa bastante complexa é a Seleção e Preparação dos futuros voluntários. Cartas e indicações de pessoas chegam dos mais diversos locais do Brasil pedindo resposta e implicando acompanhamento por parte da Organização.

Nesta tarefa de contatos e acompanhamento, anteriores ao Estágio, os Representantes Regionais da OPAN desempenham um papel relevante. Estes, conhecendo bem a Organização, procuram apoiar e incentivar os candidatos que surgem em suas áreas. Atualmente, contamos com Representantes Regionais nos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo (Pe. Valber Dias Barbosa), Rio de Janeiro (Aloysio Letro), São Paulo (José Roberto dos Santos) e Brasília (Ivo Schroeder).

Cartas, leituras, encontros, etc., são ainda os recursos utilizados para que os candidatos conheçam melhor a Organização e o tipo de trabalho que

esta desenvolve. É nesse tempo, também, que a OPAN pode conhecer os interessados e suas condições para o trabalho.

Neste período foram realizados 3 encontros de candidatos ao Estágio (junho/78), dezembro/78 e julho/79), em São Paulo (SP), contando com a participação de 18 elementos no total. O objetivo desses encontros é a definição dos grupos de estágio semestrais.

2. Estágio

A forma de estágio tem assumido uma flexibilidade cada vez maior, tendo-se em vista as características próprias de cada candidato. Durante este período, foram experimentados três tipos básicos de estágio:

- Equipe de Estágio: 3 a 4 pessoas vivendo juntas numa casa, procurando auto-sustentar-se como equipe e dedicando a maior parte do seu tempo ao estudo e contato com a população local, tendo o acompanhamento da Coordenação ou de alguém designado por esta.

Este tipo de estágio tem a duração média de 6 meses. É uma preparação bastante profunda tanto em termos pessoais (vida em equipe e formação), como uma prática e reflexão de modo de atuar junto ao povo.

- Intensivo: consiste numa estadia de 2 a 3 meses junto à Coordenação, em Porto Alegre (RS), sendo oportunidade para se fazer cursos específicos (Enfermagem, Antropologia, Missiologia, etc). Depois, já seguindo para um projeto em andamento, é possível uma preparação mais concreta.

- Nas bases: mais recentemente, abriu-se a possibilidade de certos estagiários ou grupos de estágios realizarem sua preparação já num projeto. Para isto, é condição que haja um voluntário já bastante experiente que se disponha a acompanhar este estágio.

3. Formação Permanente

Tanto para os estagiários, como para voluntários, tem sido da maior importância a participação nos cursos promovidos pelo CIMI. Estes cursos têm abrangido toda a temática necessária ao trabalho junto às comunidades indígenas: Antropologia, Etnologia, Linguística, Educação Indígena, Teologia da Missão, etc.

Temos também, procurado que os voluntários atualizem constantemente sua formação, mesmo quanto aos conhecimentos práticos. Como exemplo, na área de Saúde, com a participação no Curso de Saúde Pública, em Diamantino (julho/78), e estágios em hospitais voltados para uma medicina popular.

I - REGIONAL AMAZÔNIA OCIDENTAL

1. Projeto ALTO-PURUS

LOCALIZAÇÃO: Margem direita do Rio Purus, no Município de Manoel Urbano, Prelazia de Acre-Purus, AC.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 300 Índios Kulina e 150 Índios Kaxinauã.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Rosa, Anselmo e Tereza.

INÍCIO DO PROJETO: 1976.

Tanto os Kulina (120.000 ha), quanto os Kaxinauã (27.000 ha) têm suas terras delimitadas pela FUNAI, com demarcação feita pelos próprios índios que visam, assim, uma nova delimitação e seu conseqüente aumento.

O início do Projeto Alto-Purus, da OPAN, deu-se em 1976, quando um levantamento na região apon-

tou a necessidade de um trabalho junto aos índios e às populações ribeirinhas. E no mesmo ano, subia a primeira equipe de voluntários.

Com seis meses de trabalho, a equipe viu força da a sua saída por imposição da FUNAI. Situação que durou 1 ano, no fim do qual ela voltava por conta própria.

O objetivo primeiro do Projeto era o trabalho junto aos índios e ribeirinhos, no intuito de melhor conhecer os grupos indígenas e a realidade local, além de despertar o povo para os problemas envolventes.

Com a entrada de seus voluntários na região - enfermeiros e professores - a OPAN procurou desenvolver trabalhos na área de saúde e no setor educacional, e levantar os problemas de terra.

Atualmente, é meta principal a reorganização, tanto do setor escolar, quanto do de saúde; e também, dar continuidade à luta pela terra, organizar a Cooperativa e a intensificar o trabalho junto às comunidades de base - isso, no tocante à população ribeirinha.

Ainda neste ano, prevê-se a chegada de um novo elemento para completar a equipe em lugar da voluntária Teresa.

2. Projeto ALTO ENVIRA (Igarapê do Anjo)

LOCALIZAÇÃO: Igarapê do Anjo (Rio Envira) na Prelazia de Cruzeiro do Sul, AC.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 70 Kulina - Auto denominação: Madija.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Abel.

INÍCIO DO PROJETO: 1976.

As 70 pessoas do grupo Madija ocupam uma área de 43.750 ha delimitada pela FUNAI e em vias de de marcação, com tramitação em Brasília.

Esse projeto - ALTO ENVIRA (Igarapê do Anjo) - iniciou-se do contato Cimi-OPAN e TVC que efetuaram, em 76, um levantamento na área.

Já em 77, Giovani Cantu (TVC) fixou-se na Fazenda Califórnia, visando a uma aproximação com os índios que eram peões no local.

Em janeiro de 78, os índios subiram o rio Envira, rumo ao Igarapê do Anjo e convidaram Giovanique passou a residir com eles, a partir de abril.

No ano e meio em que esteve na Fazenda Califórnia, Giovani trabalhou de almoxarife, montou uma escola-Mobral para peões e desenvolveu um trabalho junto aos Madija, apoiado numa cartilha do Summer.

Quando em outubro de 78, o opanista Abel partiu para a região, em substituição a Giovani, encontrou uma série de dificuldades, posto não contar com nenhum dado local, não conhecer a língua dos indígenas e ter de dar aulas, juntando-se a isso tudo a falta de comida.

Por outro lado, a situação local era tensa, já que a Fazenda Califórnia fechou todas as oportunidades de trabalho naquela região, abrindo o rio aos marreteiros.

Já na área, Abel passou a desenvolver trabalhos de professor e enfermeiro, dando continuidade a obra de Giovani.

Os objetivos iniciais do Projeto iam sendo desenvolvidos - tornar os índios independentes com relação a Fazenda Califórnia e formar subsídios para um contato com o branco, numa relação de igual para igual - enquanto procurava-se atender nos setores de educação e saúde, desenvolver roças comunitárias e produzir excedentes agrícolas para comercialização no rio, visando a autonomia do grupo e estudar sua língua e sua cultura.

Atualmente, o trabalho está requerendo duas pessoas: uma para fixar-se na aldeia do Seringal Califórnia e outra para estabelecer contato com as demais aldeias e grupos tribais ao longo do rio Envira. Além disso, necessita-se de um motor para loco-

moção da equipe e de um maior contato, com a Prelazia de Cruzeiro do Sul, na tentativa de criação, junto à paróquia de Feijó, de uma Pastoral Indígena, envolvendo a população local, uma vez que Feijó é ponto estratégico para o trabalho no rio Envira.

3. Projeto SERUINI

LOCALIZAÇÃO: Boca do Seruini (Rio Purus) no município de Pauini, Prelazia de Lábrea, AM.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Apurinã e população ribeirinha.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: José Sílvio, Paulo e Lino.

INÍCIO DO PROJETO: Outubro de 77.

A tribo Apurinã encontra-se bastante dispersa. Os pequenos grupos familiares localizam-se, principalmente, nas cabeceiras dos igarapês: Seruini (antigo posto Indígena Mariané, 151 índios), Tacaquiri (65), Peneri (43), Pauini (38) e no lago Capitarri (35). Além destes, há diversas famílias nucleares espalhadas pela região.

No primeiro semestre de 1977, Darci (OPAN), juntamente com o Pe. Afonso de Caro (Prelazia de Acre-

Purus) realizaram o primeiro levantamento da situação indígena, no município de Pauini.

Só no final do ano, Darci e João, também voluntários da OPAN, vão localizar-se na boca do igarapé Seruini, Rio Purus, junto a uma comunidade de seringueiros. Além do trabalho com esta comunidade, procuraram intensificar os contatos com os diversos grupos Apurinã.

Tanto a casa dos voluntários, como a que serve de escola, foram construídas juntamente com o povo reunido em mutirão (para serrar tábuas, buscar palha, etc).

A escola começou a funcionar a partir de março de 78 com aulas matinais para as crianças e noturnas para alfabetização de adultos.

No setor de Saúde, a equipe de voluntários iniciou um atendimento tanto à população ribeirinha, como aos Apurinã; pois havia uma total carência de recursos médicos na região. Posteriormente, com a ativação do hospital de Pauini (sede do município) e a colocação de alguns agentes de saúde nos seringais, viu-se que o melhor seria o encaminhamento dos doentes a essas unidades de saúde, cobrando dos responsáveis o real atendimento à população. Contudo, continua a equipe um trabalho de conscientização acerca das doenças e suas causas, e a utilização de medicamentos caseiros conhecidos na região (ervas, chás, raízes, etc).



FESTEJO DE SÃO SEBASTIÃO (RELIGIOSIDADE POPULAR)
BOCA DO SERUINI - AM

No campo específico da Evangelização, cumpre destacar o incentivo e participação nas formas próprias de expressão religiosa do povo ribeirinho (no_vena, rezas, festas de padroeiro, etc).

A partir de julho de 78, começou a formação dos roçados comunitários. Inicialmente, com o plantio de arroz e hoje, além deste, extensas roças de mandioca foram plantadas na terra firme. Vale destacar que a farinha de mandioca é a base da alimentação do povo ribeirinho.

O trabalho junto ao povo Apurinã caminhou principalmente através das visitas sucessivas, do levantamento da situação de suas terras e do incentivo às reuniões de líderes indígenas, visando a solução dos problemas comuns.

Para os povos indígenas do Vale do Purus, o processo de ocupação e implantação dos seringais foi particularmente desastroso. Inicialmente, se apossavam de suas terras os que buscavam enriquecer às custas do trabalho forçado do indígena nas estradas de seringa (borracha). Depois, os índios foram sendo afastados, substituídos pelas levas de famintos nordestinos: mão-de-obra barata e mais dócil. Hoje, as terras indígenas encontram-se ilegalmente nas mãos de seringalistas, fazendeiros e madeireiros que inclusive tentam apropriar-se do último pedaço de chão reconhecidamente indígena, o Posto Indígena Mariané, criado pelo extinto SPI (Serviço de Proteção aos Índios).

Hoje, há uma firme determinação dos próprios índios de recuperar e garantir o domínio tradicional de todas as terras onde habitam. Esta determinação vem sendo reafirmada nas diversas Assembléias de Chefes Indígenas promovidas na região, o que está levando os próprios índios a reivindicarem ao órgão oficial, FUNAI - Fundação Nacional do Índio, uma atuação mais efetiva para a demarcação de suas terras.

A equipe inicial de voluntários foi substituída no segundo semestre de 1978 por Sílvio e Paulo, pois Darci e João assumiram a Coordenação da OPAN. A partir de agosto de 79, ampliou-se a equipe com a chegada do Lino para uma dinamização maior do trabalho junto aos Apurinã.



ÍNDIOS APURINÃ TRABALHANDO NA FAZENDA MANASA
IGARAPÉ SERUINI - AM

4. Projeto LĀBREA

LOCALIZAÇÃO: Margem esquerda do Rio Purus na
Prelazia de LĀbrea, AM.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 400 pessoas dos grupos
Jamamadi, Kanamanti, Karawāra, Paumari (mais Í
ndios Novos com população a verificar).

EQUIPE DE VOLUNTĀRIOS: Marta (TVC), Francis-
co, Cacilda, Aparecida e Gunther.

INÍCIO DO PROJETO: 1977.

Sobre a área ocupada pelos grupos tribais Jmamadi, Kanamanti, Jarawára e Paumari, até o momento, não se tem muitos dados. A OPAN enviou ao CIMI Nacional proposta de demarcação das áreas Kanamanti e Jarawára para que esse desse encaminhamento junto à FUNAI; sobre o restante da área não há nada.

Em 77, começou-se o levantamento da região (realizado por Doroti) e a fixação de dois elementos para o início do Projeto: Marta (TVC), em outubro e Doroti, em dezembro.

Um ano depois, em outubro de 1978, chegava Francisco para reforçar a equipe que perderia Doroti em dezembro do mesmo ano.

Mais propriamente sobre os grupos da região, sabe-se que têm longos anos de contato com a população envolvente, sendo contudo possível apenas determinar o tempo de contato dos Jarawára: 50 anos.

Todo trabalho na região partiu de dois pressupostos: da necessidade de atendimento na área de Saúde e de conscientização dos grupos, visando a demarcar suas terras.

O trabalho de saúde teve de estender-se a índios e brancos (incluindo atendimento dentário). A equipe procurou igualmente desenvolver roças junto a população indígena.

Há ainda todo um trabalho a ser continuado: terminar a vacinação anti-tuberculose, motivar os Pau-

mari no levantamento (demarcação) de suas áreas e encaminhamento à FUNAI, programar uma Assembléia indígena junto aos líderes e continuar o trabalho volante entre cariu (brancos) e índios.

Nessa mesma Prelazia de Lábrea - segundo se constatou, conforme sobrevôo realizado em outubro de 78 - existe um número não especificado de índios arredios (ÍNDIOS NOVOS) sem terra demarcada ou delimitada.

Já em 1978, a OPAN declarava, em sua Assembléia esse Projeto prioritário.

Todo contato - e esse é o objetivo do Projeto ÍNDIOS NOVOS - está por se fazer, juntamente com o levantamento dos grupos; e a partir daí, desenvolver um trabalho nos setores de Saúde e volante.

Dadas as características da região, a OPAN viu a necessidade de ampliar a equipe para um trabalho conjunto na área (LÁBREA e ÍNDIOS NOVOS).

II - REGIONAL NORTE I

1. Projeto MANAUS

LOCALIZAÇÃO: Manaus, AM.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Sandra e Nelson.

INÍCIO DO PROJETO: 1979.

Em fevereiro de 1978, iniciou-se os trabalhos do Regional Norte I do CIMI.

Agora, em 1979, a OPAN desloca para a área Sandra e Nelson.

O trabalho deles deve centrar-se na edição do Boletim Informativo "Porantim", com o qual se pretende uma conscientização, tanto a nível nacional, quanto a nível de comunidades indígenas, no que respeita a situação e a problemática destes últimos.

Também o casal deve apoiar os trabalhos de base no Estado do Amazonas; para isso, Sandra e Nelson

son, desenvolverão suas atividades em conjunto com a equipe do Regional.

2. Projeto ITACOATIARA

LOCALIZAÇÃO: Prelazia do Itacoatiara, AM.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Wai-wai, Ixkariana, Waimiri-Atroari.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Doroti e Egydio.

Este projeto inicia-se em novembro de 1979 com o deslocamento de Doroty e Egydio para a região a convite de D. Jorge, bispo da Prelazia de Itacoatiara, onde situam-se os grupos indígenas Wai-Wai, Ixkariana e Waimiri-Atroari, visando a dinamizar a Pastoral Indígena da área, posto a Prelazia ainda não desenvolver nenhum trabalho no setor.

3. Projeto ALTO JUTAI

LOCALIZAÇÃO: Prelazia do Tefé, AM.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: cerca de 2.500 indígenas aldeados dos seguintes grupos: Kulina, Tũku na, Kawamari, Tucano, Deni e Maku.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Egon, Oswaldo, Araci,
Benê, Lúcia.

INÍCIO DO PROJETO: 1979.



ÍNDIOS KATUKINA DO RIO BIÁ
PRELAZIA DE TEFÉ - AM

A área avaliada da região abrangida pelo Projeto estende-se por 270.000 km², sendo que aí o índio não tem terra demarcada ou delimitada, ocupando terras devolutas ou de propriedade da APLUB e outros grupos econômicos.

Esses índios encontram-se praticamente abando-

nados pela FUNAI que não tem atuação alguma na região.

Com isso, o bispo de Tefé, D. Joaquim de Lange - há 20 anos no local - solicitava - desde 73 - o envio de voluntários opanistas para sua região, declinando todo apoio da Prelazia ao trabalho indígena.

Com o desligamento de Egon Heck do Regional Sul do CIMI, abriu-se a possibilidade de um levantamento no local e posterior encaminhamento do Projeto.

O levantamento - decidido oficialmente na Assembléia da Prelazia, em janeiro de 79, com as presenças de Egon e Darci - realizou-se de 15 de fevereiro a 15 de julho.

Naquela oportunidade, ocorreram contatos com diversos grupos, enquanto outros ofereceram alguma resistência. Notou-se, no entanto, que de uma maneira geral, os grupos conservam muitos aspectos de sua cultura.

Em razão dos vários objetivos do Projeto e a conseqüente extensão dos trabalhos, Egon viu a necessidade de mais outros quatro elementos - dois para o setor indígena e dois para junto aos seringueiros.

Os trabalhos estão assim especificados: Saúde, Educação, levantamento e localização tanto dos grupos indígenas, quanto da comunidade de seringueiros.

Assim, o trabalho seria global; com uma equipe estabelecendo-se junto aos Kanamari (Rio Jutai-zinho) e outra junto aos seringueiros, na Foz do Jutaizinho.

III - REGIONAL MATO GROSSO DO NORTE

1. Projeto MỸKY-SALUMÃ

LOCALIZAÇÃO: Prelazia de Diamantino, MS e Prelazia de Ji-Paraná, RO.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 28 Mỹky e 155 Salumã.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Vanda e Teresinha.

INÍCIO DO PROJETO: 1977.



ÍNDIOS SALUMÃ

MT

Os grupos Mÿky e Salumã foram recentemente con-
tatados - o primeiro a 13 de junho de 1978 e o se-
gundo a 28 de julho de 1974 - por elementos da Mis-
são Anchieta.

O grupo Mÿky tem 47 mil ha de terra medida e
demarcada oficialmente, e o Salumã a sua área inter-
ditada, mas não calculada.

A OPAN começou a desenvolver o seu Projeto jun-
to a esses grupos no início de 77, a pedido de ir-
mão Vicente Cañas e Pe. Thomas de Aquino Lisboa, quan-
do enviou as voluntárias Vanda Barbosa e Teresinha
Weber, visando, principalmente, a área da Saúde pre-
ventiva.

No início, elas se fixaram juntos aos Mÿky, por
ser mais fácil a adaptação; enquanto aos Salumã fa-
ziam visitas de 10 ou 15 dias para uma convivência
intensiva e tratamento (verminose, anemia, feridas,
gripes, extração de dentes, etc).

A voluntária Vanda chegou mesmo a ficar mês e
meio no Sul do País aprendendo obturação dentária.

A partir de dezembro de 78, Teresinha fixou-se
juntos aos Salumã e Vanda junto aos Mÿky.

Com isso, abriu-se a possibilidade de atendi-
mento na área de Saúde em ambos os grupos; mas, com
a preocupação antes preventiva que curativa; também,
a de uma convivência mais intensa com os grupos.

E nessa mesma área de Saúde, procura-se a valorização da medicina autóctone.

Neste ano, a voluntária Vanda deve sair do Projeto, sendo, portanto, necessário que alguém a substitua, mas com a intensão de encarnar-se e pelo período mínimo de três anos.

Como se disse, Teresinha - juntamente com Vicente - fica junto aos Salumã (quando necessário, se deslocaria até os Mÿky) e Thomás, com o segundo grupo, procurando ausentar-se com menor freqüência.



ATENDIMENTO DENTÁRIO
RIO VERDE - MT

2. Projeto KARAJÁ

LOCALIZAÇÃO: Ilha do Bananal, Rio Araguaia, Mato Grosso (Prelazia de São Félix do Araguaia)

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Karajá da Ilha do Bananal.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Sílvia e Pe. Valber.

INÍCIO DO PROJETO: 1979.

Há tempos, o bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia, D. Pedro Casaldáliga, vinha pedindo pessoal da OPAN para trabalhar na Ilha do Bananal. Na Assembléia de 1979, a Organização sugeriu o Projeto para a voluntária Sílvia que aceitou-o e que acabou assim planejado: Pe. Valber fará todo o levantamento da área da ilha aproveitando para ir conhecendo a língua do grupo Karajá e Sílvia trabalhará no hospital da Ilha se entrosando e conhecendo os índios que por lá passam.

Todo material até agora existente sobre os Karajá, o CIMI levantará para o Projeto.

3. Projeto CINTA-LARGA

LOCALIZAÇÃO: Aripuanã, MT.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Cinta-Larga.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Ivar e Anni (OED)

INÍCIO DO PROJETO: junho de 1979.

Alguns grupos Cinta-Larga estão em área demarcada pela FUNAI (Parque Aripuanã); outros, fora do Parque, com terras delimitadas e interditadas; e é possível ainda que existam outros grupos em áreas que não estas. Dado, porém, que carece de confirmação.

Quando ao Projeto, inicialmente, se fez um contato com a aldeia Igarapé Ouro Preto da área interdada - em julho de 79 - é a partir daí que se tentará um contato com os índios arredios.

Na última Assembléia, sugeriu-se que Sônia (especialista em Etno-historia), passasse a integrar a equipe, posto haver necessidade de se fazer um levantamento histórico da população envolvente e intertribal.

E como perspectiva, fixou-se: lutar ao lado dos índios pela retirada dos invasores de suas terras, conviver em grupo, participar da roça e demais

atividades desenvolvidas pela comunidade tribal e atender na área de Saúde preventiva.

4. Projeto PARESI

LOCALIZAÇÃO: Ao longo da BR-364, em Diamantino, MT.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Índios Paresi.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Ivar, José Sílvio, Sílvia, Abel.

INÍCIO DO PROJETO: 1971.



OS PARESI INDO PRO ROÇADO DE ARROZ
RESERVA PARESI - MT

Durante o ano de 1978, o Projeto Paresi continuou atendendo a dois setores básicos: Agrícola e Saúde.

No setor Saúde foi feita a vacinação BCG em todas as aldeias, continuou-se com a medicina curativa e incentivou-se a medicina nativa.

Igualmente, implantou-se pequenas farmácias nas aldeias atendidas pelos próprios índios, anteriormente preparados para isto.

Na aldeia do Rio Verde tem um índio atendente de enfermagem pago pela FUNAI e com um carro a disposição para atender as demais aldeias.

Notou-se que, depois de 8 anos de atendimento, o grupo Paresi tem capacidade para enfrentar sozinho os problemas de saúde. Foi implantada uma infraestrutura de atendimento que é totalmente assumida pelos próprios índios, dispensando assim a necessidade de permanecer na região voluntários disponíveis para este setor.

O projeto agrícola não veio substituir a produção anterior do grupo mas complementá-la e acrescentar-se à alimentação, embora dela não se obtivesse renda monetária.

O Projeto despertou a coesão do grupo, unindo o em torno da terra; sendo que por várias vezes os índios reunidos tomaram uma posição bem clara em de

fesa de suas terras, inclusive usando o trator do projeto com essa finalidade.

Notou-se que o projeto agrícola em grande escala, na região é inviável economicamente. Não pela falta de capacidade dos índios, senão pela falta de infraestrutura da região: terra fraca, distâncias, estrada ruim, e dificuldades de comercialização.

Depois da experiência da roça comunitária centralizada em uma só aldeia, foi feito mais uma tentativa, desta vez em várias aldeias, com roças menores.

Assim, os índios, por si só, continuaram o plantio de arroz. Desta forma, a orientação técnica dispensada pelos voluntários se tornou desnecessária. Os índios têm condições de levar avante o trabalho sem a presença deles.



TRILHANDO O ARROZ
RESERVA PARESI - MT

O Projeto agrícola serviu também para reavivar as lideranças, as festas e outras manifestações culturais.

Por iniciativa dos líderes indígenas foram cortadas todas as verbas para o projeto de Agricultura.

Os Paresi que sempre desejavam fazer uma experiência com a FUNAI, têm oportunidade para isto.

Ivar, responsável pelo Projeto Agrícola, fez a sua entrega aos índios de uma forma lenta e gradativa, a fim de que pudessem de fato dominar todos os aspectos técnicos.

O relacionamento entre voluntários do Projeto e representantes da Prelazia de Diamantino, durante os últimos anos, deixou muito a desejar.

Estamos seguros, de que a saída dos voluntários da área é mais um passo no sentido da autodeterminação dos Paresi.

IV - REGIONAL MATO GROSSO DO SUL

1. Projeto DOURADOS

LOCALIZAÇÃO: Diocese de Dourados, em Dourados, MS.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 10 mil Guarani (sub-grupos Kaiowã e Nandeva).

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Carlos e Ingrid (OED) e Antônio e Lúcia (OPAN).

INÍCIO DO PROJETO: 1977.

Nos anos de 74 e 75, Egydio, Valber e Ivar fizeram um levantamento da região de Dourados e, em 77 chegaram os primeiros voluntários Carlos e Ingrid - para o Projeto Dourados.

Os outros dois elementos, ambos pertencentes à OPAN, só chegaram em 78: Antônio, em setembro e Lúcia, em dezembro.

Os Guarani têm, no geral, suas terras delimitadas, porém insuficientes, invadidas e cortadas por estradas.

O projeto aberto conjuntamente entre OED e OPAN objetiva a sobrevivência física e cultural, e a reestruturação do grupo, bem como a quebra de sua dependência à "changa".

Para tanto, procura-se desenvolver e incentivar as roças comunitárias; conscientizar a população envolvente e fazê-la participar de reuniões e do Boletim Informativo; além de desenvolver intenso trabalho junto aos indígenas nas áreas de Educação e Saúde.

Com a saída de Carlos e Ingrid do Projeto - prevista para março de 80 - a equipe vê a necessidade de mais 4 elementos: dois para substituir o casal, atuando na alfabetização e nas roças coletivas e outros dois para o setor religioso; aí, junto à comunidade envolvente.

Por tudo isso, a equipe levantou alguns pontos, colocando-os em discussão na última Assembléia da Organização, a saber:

- Alfabetizar os índios. Até o momento não se fez nada de concreto no campo com medo de que nenhuma pessoa assumisse o setor no futuro;

- Duas pessoas para o acompanhamento das roças comunitárias que estão crescendo de ano a ano;

- Levantamento de problema de terra, envio de relatório à FUNAI, mobilização da opinião pública, processo jurídico. Para a equipe, seria importante que se fizesse o levantamento a curto prazo;

- Pesquisar a situação de saúde dos grupos indígenas e desenvolver um plano de formação de atendentes no seio dos próprios grupos para quebrar a dependência junto à FUNAI e a missão presbiteriana;

- A equipe tem de dominar a língua Guarani para alfabetizá-los, conscientizando-os;

- Conscientizar a população envolvente para a problemática indígena;

- Que um elemento da OPAN ou do CIMI seja liberado para ajudar o grupo na reflexão.

2. Projeto MIRANDA

LOCALIZAÇÃO: Miranda, Diocese de Corumbá, MS.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 10.550 Terena.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Calu e Ivo.

INÍCIO DO PROJETO: 1979.

Os Terena - com os quais Calu e Ivo farão contatos, já a nível de Projeto, têm pequenas áreas de marcadas que no entanto são insuficientes.

E visando sanar as dificuldades dos grupos, ficaram estabelecidos como objetivos desse Projeto um maior encontro entre os índios, não só Terena, como Kadiwêu e reorganização do grupo Terena.

Para tanto, será necessário contatar os diversos grupos da região, levantar a situação local geral e auxiliar na edição do Boletim Informativo do CIMI do Mato Grosso do Sul.

E como necessidade básica, prevê-se a fixação de Ivo e Calu na região.

V - REGIONAL SUL

1. Projeto PINHALZINHO

LOCALIZAÇÃO: Posto Indígena de Xapecô (municipios de Xanxerê, Abelardo Luz e Xaxim), Diocese de Xapecô, SC.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 1.400 Kaingang e 300 Guarani.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Astor.

INÍCIO DO PROJETO: 1975.

Atualmente, a OPAN mantém no local o técnico agrícola e voluntário Astor que se desligará no final deste ano de 79, deixando que a equipe do CIMI Sul assuma o Projeto mais integralmente.

Desde o início, objetivou-se a autonomia econômica do grupo; a recuperação de sua cultura, já em parte perdida e assegurar-lhe o domínio pleno e exclusivo da terra. Para tanto, viu-se a necessida-

de do aprendizado da língua Kaingang e a criação do Projeto de auto subsistência econômica.

Com a experiência de todos esses anos de trabalho com os Índios do Sul, a OPAN sente ser necessária a ampliação do trabalho junto aos Kaingang.



ÍNDIOS KAINGANG NAS LAVOURAS COMUNITÁRIAS
ALDEIA DE PINHALZINHO - P.I. XAPECÓ - SC

Esse projeto de Pinhalzinho abrange uma área de 15.100 ha e, como se disse, os grupos Kaingang e Guarani que já tem suas terras demarcadas desde os tempos do SPI.

A OPAN entrou na região através do Pe. Egon Heck. No ano seguinte, Egon foi proibido de entrar na área e considerado persona non grata pela FUNAI por ter levado índios para uma reunião em Brasília. Nesse mesmo ano, os índios expulsaram os invasores brancos da aldeia de Pinhalzinho.

Em setembro de 77, a OPAN da continuidade ao Projeto Econômico com a chegada de Astor.

Em outubro do outro ano, os índios elegem o seu próprio cacique que sempre fora escolhido pela FUNAI.

No final desse mesmo ano - em dezembro - sob pressão dos índios, a FUNAI constrói um depósito de produtos agrícolas e em junho de 1979, os indígenas expulsam o chefe do Posto que há 11 anos encontrava-se no cargo.

Até hoje, foram aplicados 510 mil cruzeiros no Projeto Econômico de Pinhalzinho.

VI - REGIONAL LESTE

1. Projeto CIMI LESTE

LOCALIZAÇÃO: Vitória, ES.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: 611 Tupiniquim (dado 1975), 45 Guarani, 500 Maxacali, 3.000 Xacriabã, 45 Krenaque, 1.800 Pataxô, e sobre os Hã-Hã-Haí não se tem o número exato.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Fábio e Nira.

INÍCIO DO PROJETO: 1978.

Os Tupiniquim e Guarani (Espírito Santo) viviam em Caieiras Velhas, um povoado de índios e brancos. Nos últimos tempos, os indígenas reconquistaram parte de suas terras que estavam nas mãos da Aracruz Celulose; os Maxacali (Minas Gerais) têm área demarcada (junho de 79); porém totalmente invadida por posseiros e fazendeiros; os Krenaque (Minas Gerais) estão com a terra original invadida por

fazendeiros. Atualmente estão na Fazenda Guarani, pertencente à FUNAI; os Pataxó (Sul da Bahia) estão confinados numa capoeira do Parque Reserva Florestal do IBDF e lutam para conseguir toda reserva. E, finalmente os Hã-Hã-Haí (Sul da Bahia) estão espalhados e com sua terra original - Itaju da Colônia - em mãos de fazendeiros.

O projeto iniciou-se com a criação do Regional Leste-Nordeste do CIMI a partir de um levantamento realizado em 78, quando constatou-se a necessidade de trabalho junto aos índios.

Os grupos da região estão em contato com o branco a séculos. Muitos já não falam a própria língua, mas há uma clara preocupação em retomar não só a linguagem e como igualmente a cultura.

O trabalho da OPAN na área visa a contribuir com os índios na demarcação de suas terras e com o trabalho de Coordenação do Regional.

Para que se possa suprir as necessidades correlação ao pessoal, está se tentando preparar pessoas na própria região.

E se tem como perspectiva levantar toda situação histórica e atual dos grupos e incentivar o encontro de líderes indígenas.

VII - PROJETOS DE PASTORAL DA TERRA

A OPAN ao longo destes 10 anos voltou-se cada vez mais para o setor de Pastoral Indígena. Afora isto, temos somente alguns projetos integrados visando tanto a população indígena como a não indígena (por exemplo: seringueiros).

Observa-se também, um desejo explícito da maioria dos voluntários de que a Organização assumam mais radicalmente a causa dos povos indígenas. O trabalho com comunidades indígenas exige do voluntário uma preparação especial, aonde é da maior importância a Antropologia, a Etnologia, a Linguística, o Indigenismo.

Porém, há um extenso campo de trabalho junto aos lavradores, posseiros, bôias-frias, seringueiros, garimpeiros, etc.

Há muitas pessoas que nos procuram desejosas de integrar a OPAN, mas com uma opção definida pela Pastoral da Terra. Por outro lado, há uma enorme falta de missionários nas diversas Prelazias do Norte do País. A messe é grande e os operários são poucos.

Por estas razões, resolvemos, nesta nossa última Assembléia Geral, continuar selecionando e preparando pessoal também nesta área. Porém, fixamos como objetivo para um futuro próximo, a criação de um novo organismo de voluntários leigos, completamente autônomo e independente da OPAN, voltado para trabalhos de Pastoral da Terra. Enquanto isso, a OPAN continuará a dar o respaldo necessário a projetos neste setor.

Pretendemos que, a partir de um primeiro núcleo formado pelos voluntários Senésio e Oracélia, se vá articulando e fomentando este novo organismo. A partir de agosto de 1979, eles se localizaram na Diocese de Dourados - MS, já iniciando ali um trabalho de base junto aos lavradores da região, ligados ao regional da CPT (Comissão Pastoral da Terra). Já estão também procurando entrar em contato com outros leigos em diversas dioceses e Prelazias, questionando acerca da criação deste organismo de missionários leigos voltados para a Pastoral da Terra.

VIII - PROJETO COORDENAÇÃO DA OPAN

LOCALIZAÇÃO: Porto Alegre - RS.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: João, Darci e Cris.

Indicados e eleitos na Assembléia Geral de julho de 1978, assumiram a coordenação da OPAN, e dividindo as atividades em três setores básicos: Cris na secretaria, administração e contabilidade; João selecionando, e acompanhando estágios e Darci no contato com outros organismos, entidades de ajuda e projetos.

Ainda durante o primeiro semestre de 1978, e estendendo-se por todo o segundo, foram organizadas as atividades relativas ao ANO DOS MARTIRES riograndenses, comemorando os 250 anos da morte dos missionários jesuítas das Missões dos Sete Povos. O trabalho consistiu-se na preparação da opinião pública sobre a problemática indígena, romaria penitencial

até as ruínas de São Miguel, romaria até Tiaraju, em São Gabriel, seminário de palestras e debates reunindo os principais nomes ligados as atividades missionárias no Brasil.



COMEMORAÇÃO DO "ANO DOS MÁRTIRES"

SÃO SEPÉ - RS

Atenção especial a coordenação deu também ao setor de preparação dos voluntários, procurando sempre mais adaptar a preparação dos mesmos às necessidades do trabalho (ver Preparação dos Voluntários).

E na Assembléia de julho de 79 foi sugerido que a sede da OPAN fosse mudada para um local mais central e mais próximo das atividades dos projetos; pois além de poder se dar uma preparação aos estagiários mais condizente com a realidade dos futuros traba-

lhos, a mudança da sede para Cuiabá trará outras vantagens: possibilidade de acompanhar mais de perto as atividades das Bases; evitar grandes viagens de deslocamento ao Sul do País para entrar em contato com a Coordenação, (reduzindo assim mais de 2.500 km); Cuiabá, como centro de convergência dos caminhos de acesso ao Norte onde também estão a maioria dos projetos junto aos índios - favorece o encontro das diversas pessoas que por lá transitam; sendo que no Norte do País encontramos as igrejas tipicamente missionárias e que respondem mais efetivamente a atividades de Missão (Pastoral da Terra, Pastoral Indígena, Comunidades Eclesiais de Base - CEB - etc.), a mudança da sede para Cuiabá servirá como enriquecimento ainda maior no intercâmbio de experiências e questionamentos recíprocos.

Desta forma, a partir de julho de 79 a Coordenação iniciou um processo de transferência da Sede Nacional que implicará em novas formas de preparação, além de todos tramites legais e oficiais daí decorrentes.

Durante todo o período a Coordenação contou com o apoio de acessores que muito colaboraram nos momentos mais difíceis.

IX - PROJETO SECRETARIADO DO CIMI

LOCALIZAÇÃO: Secretaria do CIMI - Brasília - DF.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Ivo e Calu.

O projeto do Secretariado do CIMI, em Brasília, foi assumido pela OPAN em 76 com um casal disponível para a parte de Administração e secretaria.

Durante o período de 76 até agora, os voluntários atuantes nesse projeto tiveram basicamente estas atividades: Boletim - editado mensalmente, é um boletim que coloca a situação da caminhada de Pastoral Indígena no Brasil, e procura refletir e interpretar acontecimentos ligados a luta dos povos indígenas. Sua aceitação é muito boa a nível dos missionários atuantes nas bases, estudantes e indigenistas, atualmente, e o Boletim está sendo assumido progressivamente por outros elementos atuantes no Secretariado do CIMI; Arquivo de jornais e docu-

mentos sobre a situação e a atividade dos índios e missionários; Correspondência: vinda de todas as regiões do País, solicitando dados sobre o trabalho, informações, pedido de material indigenista, etc.; Administração: do Secretariado nos setores mais burocráticos e de funcionamento oficial da sede; Contatos: quer com organismos (CNBB, FUNAI, etc), quer com cientistas, pensadores, imprensa, índios e missionários quando em Brasília.

O casal Ivo e Calu que desde 76 estavam atuando em Brasília, apresentaram-se dispostos a um trabalho de base, diretamente ligado a um grupo indígena; e, então, desde o início de 1979, outro casal - Sérgio e Ivone - indicados pela OPAN, estão assumindo, aos poucos as atividades desenvolvidas anteriormente pelos primeiros.

Assim, a partir de setembro de 79, os trabalhos de Secretariado do CIMI serão assumidos totalmente pelo CIMI Nacional e a OPAN não se comprometerá em substituir os voluntários lá atuantes.

X - PROJETO GUAJARA-MIRIM

LOCALIZAÇÃO: Cidade de Guajara-Mirim - RO.

POPULAÇÃO ABRANGIDA: Povo da periferia da cidade.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Paulo, Ozana e Elia (TVC).

INÍCIO DO PROJETO: 1972.

Este projeto representava uma tentativa de unir as pessoas da comunidade, através da cooperativa, reuniões nos bairros, mutirões.

Houve, ainda, dinamização da consciência crítica da população da periferia da cidade através de encontros e reuniões, círculos bíblicos, cursos de corte e costura, enfermagem e Encarnação do Evangelho na vida do povo.

Para alcançar os objetivos, a equipe atuava gerenciando a Cooperativa de consumo, entidade surgi-

da a partir de um trabalho de base já iniciado há anos, visando a reunião do povo e melhores preços das mercadorias de primeira necessidade; na coordenação da pastoral nos bairros da cidade e nas visitas às famílias para motivar a participação em cursos para as mulheres: primeiros socorros, reuniões em círculos bíblicos e de animação de comunidade.

Em julho de 1978, analisando a atuação dos voluntários, em nossa Assembléia Geral, chegou-se as seguintes conclusões: o trabalho nos bairros levado avante por Élia e Ozana está a contento; muitos cursos e reuniões já são feitos por elementos dos próprios bairros, e a presença dos voluntários já não é mais necessária; o gerente da cooperativa - Paulo - apresenta dificuldades de administração e já existe atuando na cooperativa pessoas que podem levar avante o trabalho.

Diante disto, resolveu-se pela retirada dos voluntários do Projeto com o trabalho levado adiante por elementos da Prelazia de Guajarã-Mirim.

XI - PROJETO CASA DE TRÂNSITO DE CUIABA

LOCALIZAÇÃO: Cuiabá, MT.

EQUIPE DE VOLUNTÁRIOS: Mauro, Vera e Sílvia.

RESPONSABILIDADE: OPAN - CIMI e CPT

Os objetivos da Casa são:

- Servir como Casa de Trânsito para os missionários leigos, índios e posseiros quando de passagem por Cuiabá;

- Prestar serviços as comunidades indígenas distantes a fim de que os índios não necessitem ir a Cuiabá para pequenos assuntos e

- Receber e encaminhar índios doentes que necessitem de atendimento especial.

A Casa de Trânsito foi adquirida pela OPAN em 1972 com uma doação proveniente da Katholische Jungchar. Como a OPAN na época não possuía personalidade jurídica, foi sugerida que a Prelazia de Diamantino ficasse com a responsabilidade do imóvel (escritura).

Deste então, a Casa vinha funcionando regularmente. Inicialmente era mantida pela Prelazia de Diamantino e administrada pela OPAN, conforme um contrato entre a OPAN e a Prelazia de Diamantino.

Em maio de 1977, o bispo de Diamantino achou por bem suspender a ajuda na manutenção da Casa (contrariando o contrato vigente) e a partir de então, ela foi mantida e administrada totalmente pela OPAN, servindo-se de uma verba proveniente de uma doação da MISERIOR.

Em maio de 1978, D. Henrique Froehlich nos enviou uma proposta de Comodato válida por dois anos, findos os quais a Casa reverteria para o uso da Prelazia, servindo-se para isto da documentação existente e em seu poder.

A proposta apresentada por D. Henrique não foi aceita pelo seu absurdo e a partir daí várias propostas e contra-propostas foram estudadas e rejeitadas ora por um, ora por outro lado.

Em julho de 78, em nossa Assembléia Geral, os voluntários chegaram as seguintes conclusões:

a) a questão da Casa de Trânsito estava nos des gastando muito e

b) a OPAN enviaria ao bispo de Diamantino e a outras entidades diretamente ligadas à Casa uma car ta comunicando que só continuaríamos na Casa de Trân sito, caso fosse aceito um contrato de Usofruto vãl ido por 99 anos, já apresentado anteriormente a D. Henrique. Caso este não concordasse com a proposta, a OPAN entregaria a responsabilidade da admin istração e manutenção da Casa à Prelazia de Diamant tino, o que realmente veio a ocorrer em março de 1979.

ASSEMBLÉIAS ANUAIS

O objetivo básico da Assembléia Geral que reúne todos os membros da Organização, é revisar e planejar os trabalhos em andamento, estudar a abertura de novos projetos, bem como abordar outros assuntos que dizem respeito à vida da OPAN.

Durante este período, foram realizadas duas Assembléias Gerais. A primeira, realizada em Utiariti (MT), de 10 a 17 de julho de 1978, contando com a presença de todos os voluntários engajados e alguns assessores, foi marcada pelo compromisso da OPAN com os grupos indígenas mais abandonados ou ameaçados de desaparecer enquanto povos. Nesta Assembléia foi também eleita a nova Coordenação da OPAN.

A segunda Assembléia foi realizada na roça do Zé Bruno, em Diamantino (MT), de 16 a 25 de julho de 1979. Aproveitou-se a ocasião para uma revisão dos 10 anos de caminhada da OPAN, analisando-se os diversos momentos históricos vividos pela Organização.

As decisões mais importantes tomadas por esta Assembléia foram:

- revisão dos projetos em andamento e perspectivas;
- abertura de novos projetos;
- favorecer a criação de um organismo de missionários leigos para a Pastoral da Terra;
- transferência da sede da Coordenação Nacional para Cuiabá (MT) e
- situação financeira.

Decidiu-se também pela realização da Assembléia Geral somente de dois em dois anos, intercaladas por uma Assembléia Representativa.

OPAN / OED / TVC

Durante o período de 77 e até o momento, vem aumentando o número de pessoas ligadas a outras entidades de voluntários estrangeiros que desejam atuar em projetos conjunto no Brasil.

Os voluntários da TVC (Técnicos Voluntários Cristãos) da Itália no seu encontro anual no Brasil resolveram dar prioridade a atividades ligadas a Pastoral Indígena e da Terra.

Desta forma, sugerem que cada vez mais os voluntários que chegam ao Brasil iniciem um trabalho nestes setores e de preferência em locais aonde haja um trabalho já em andamento.

Os voluntários da TVC em projetos conjunto com a OPAN atualmente são: Tereza La Médica (Projeto Alto Purus); Marta Calovi (Projeto Lábrea). Além do projeto no Alto Envira que contou com a participação de Giovanni Cantu.

Os voluntários da OED: (Organização de Voluntários Austríacos) também reiniciaram projetos em conjunto com a OPAN. Em Dourados, num projeto inicia-

do por Carlos e Ingrid, a OPAN colabora com outras duas pessoas e no Projeto Cinta-Larga contamos com a participação de Anni.

As perspectivas de continuidade de projetos em conjunto aumentam. Para o próximo ano já teremos mais 3 voluntários dessas entidades. Além dessas 2 entidades, outras nos procuram para conhecerem as nossas atividades e modos de ação. Na Assembléia Geral de 79, os voluntários da OPAN sugeriram que a Coordenação fizesse um estudo dos pedidos de projetos em conjunto com outras entidades de voluntários da Europa, para que já no próximo ano se tenha algo de mais concreto.

ENTIDADES DE AJUDA

Durante este período de 1978-79 pudemos - e podemos - contar com o apoio financeiro de várias entidades e pessoas.

Queremos aqui citar as Entidades que mais contribuíram conosco para que as atividades pudessem ser desenvolvidas a contento:

MISERIOR (Alemanha)

ADVENIAT (Alemanha)

KIRCHE IN NOT (Alemanha)

CEBEMO (Holanda)

AKTION BRUDER IN NOT (Áustria)

A elas, gostaríamos de agradecer especialmente, e fazer votos de poder sempre contar com sua valiosa colaboração e apoio que até agora têm dedicado aos nossos trabalhos junto as comunidades indígenas.

CONCLUSÃO

Para concluir este nosso Relatório de 1978/79 queremos reafirmar nossa disposição de continuarmos esta nossa caminhada ao lado dos índios, seringueiros e lavradores, procurando dar a nossa contribuição.

Gostaríamos também de agradecer a todas as pessoas e organismos que nos ajudaram de uma ou de outra forma durante este período. De maneira especial, queremos agradecer:

- ao Dr. Jayme Sardi, que continua sendo o dentista de todos os voluntários;
- ao Ir. Antônio Cechin, pela sua colaboração no campo da formação dos voluntários;
- ao Pe. Egydio Schwade, Ir. Vicente Cañas, Pe. Thomás Lisboa, Ir. Salvador Valadares, Pe. Paulo Suess, Pe. Egon Dionísio Heck, que muito nos ajuda-

ram na revisão e planejamento, bem como nos acompanhando no trabalho junto aos diversos grupos indígenas;

- as organizações que nos ajudaram financeiramente, pela sua sensibilidade quanto ao problema indígena brasileiro;

Aos que nos acompanharam de algum modo, a nossa gratidão, esperando contar sempre com a colaboração e questionamento de todos.

--ooOoo--

Centro Ecumênico de Documentação e Informação

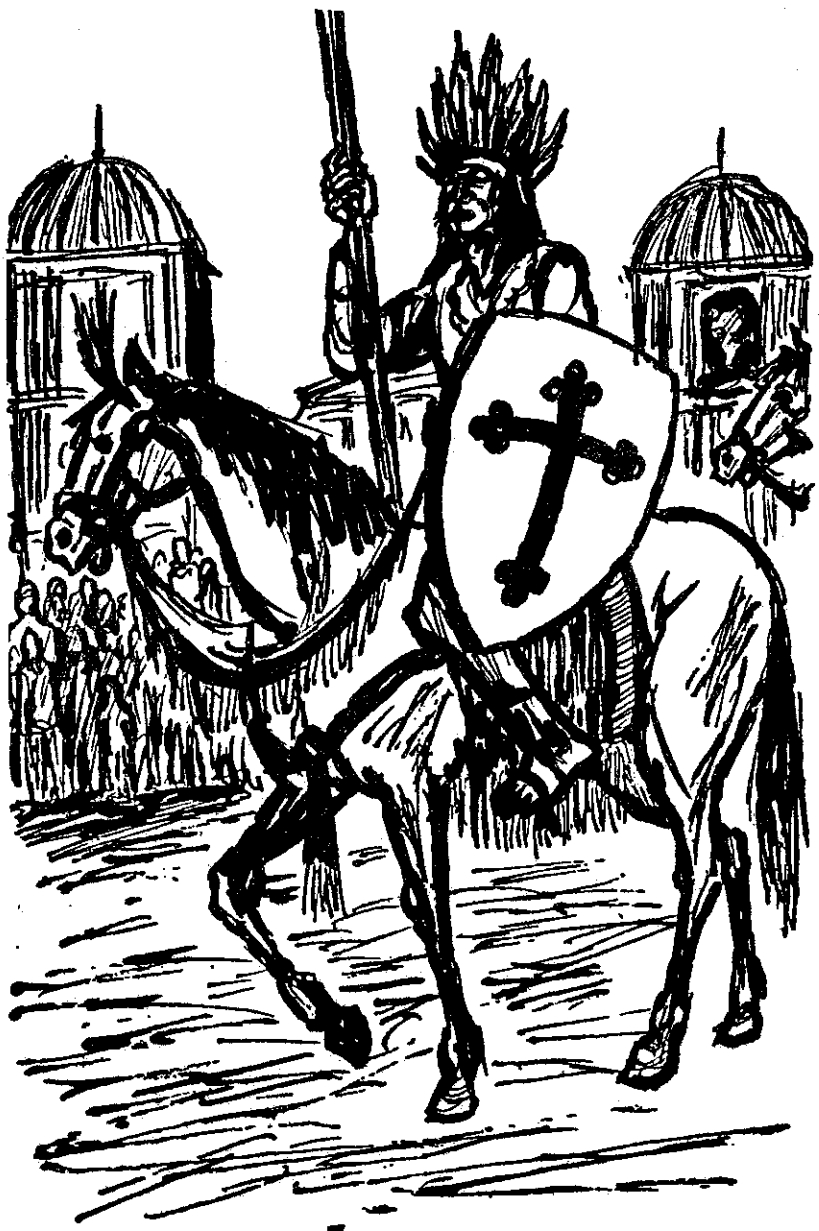
- CEDI -

Sucursal / SP. - Av. Higienópolis, 983 - 01238

AV. CRISTÓVÃO COLOMBO, 153 - CEP.: 90.000 - PORTO ALEGRE - RS - BRASIL

Util. Púb. Est. 21.632/72 - Ent. de Fins Filantrópicos: 272007/72

Cons. Nac. de Serv. Social: 220255/72 - CGC 93017325/0001



SEPÉ TIARAJU

*"Esta terra
recebemos de Deus e São Miguel,
são eles nos podem deserdar"*

(SÃO SEPÉ)